

Anarquismos agora

Mauricio Freitas¹

Edson Passetti e Acácio Augusto

Anarquismos & Educação

Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. 127p.

Um pequeno-grande livro, lançado no segundo semestre de 2008, que atravessa os anarquismos, e os leitores atentos as suas sutilezas, como uma flecha certa. Com suas quase 130 páginas, esse livro pequeno em tamanho se mostra muito grande em sua atualidade, em seus desdobramentos, e na sua forma de se pensar a liberdade, e a educação.

Edson Passetti e Acácio Augusto são anarquistas e pesquisadores do anarquismo, que já há algum tempo tratam dos anarquismos e inventam anarquismos dentro da universidade. Ambos, apesar de anarquistas não se acomodaram dentro do mesmo, se voltam contra si, e contra as tradições embolorados que existem dentro da própria anarquia; buscam se reinventar e aos anarquismos.

O trabalho desenvolvido por ambos no livro “Anarquismos e Educação” mostra-se preocupado em perceber alguns pontos de ruptura entre a escola, os anarquismos e a educação na sociedade disciplinar, trazendo alguns apontamentos sobre os desdobramentos dessas rupturas na sociedade de controle. Trabalho esse que é atravessado pelas pesquisas de outros anarquistas e de filósofos que não necessariamente se intitularam anarquistas, mas que em suas pesquisas estiveram interessados num rompimento com as formas de autoridade, de poder, com o regime da

¹ Estudante de História na USP e integrante do Nu-sol.

propriedade. Além de buscarem o pensamento livre e sociabilidades apartadas do duplo: castigo e recompensa.

Alguns desses filósofos, caminhando ombro a ombro com muitos anarquistas atravessam todo o livro. Max Stirner e Michel Foucault talvez sejam os dois autores que iniciam apontamentos que atravessarão toda a análise de Passetti e Augusto. Stirner, filósofo alemão do final do século XIX, radicaliza a proposta de educação apartada da universalidade de maneira abrupta, e pensa a educação como uma forma que se volta para a dissociação da moral, da metafísica, das utopias e das emancipações, e dessa forma preocupa-se com a existência de pessoas únicas e livres, que dão forma a uma liberdade livre de hierarquias, de superiores e de transcendentalidades. E Foucault, que através de algumas noções como a análise genealógica, e seu desdobramento entre procedências e emergências, acompanha a forma de análise utilizada em alguns momentos pelos autores em suas discussões entre os anarquismos e a educação.

A princípio ao se pensar uma discussão entre anarquismos e educação, um leitor que já tenha se movimentado, mesmo que muito superficialmente, por alguns autores dos anarquismos, rapidamente se lembra da “pedagogia libertária”. Entretanto, Passetti e Augusto, já no início do livro sinalizam que esse não se trata de um escrito que se acomoda dentro de algumas tradições emboloradas que existem na anarquia e que se engana aquele que ainda procura na relação entre os anarquismos e a educação o resultado ou a aplicação da “pedagogia libertária” enquanto um método. Relembrem-nos num preciso “prefácio libertário” que “A educação anarquista instiga o combate, reconhece as intempestividades e provoca liberações.” (PASSETTI & AUGUSTO, 2008:10).

É atrás dessas formas de liberações que Passetti e Augusto pensam a educação libertária. Para tanto, retomam procedências da educação libertária em alguns autores

anarquistas, atentando para algumas características importantes do pensamento deles. Entre eles, Willian Godwin se mostra como uma procedência pouco conhecida no meio anarquista, e é analisado pelos autores de forma bastante contundente. Já no final do século XVIII, antes de Proudhon inventar a palavra “anarquia”, que daria nome ao movimento de recusa ao governo, tem como alvo de seus escritos, o fim do governo em favor do pensamento livre, e a possibilidade de relacionamento entre iguais, sem a necessidade do castigo, como justiça política.

A formação para a vida obediente se dá tanto na sociedade disciplinar quanto na sociedade de controle, assim Passetti e Augusto mostram como na sociedade de controle a escola universal disciplinar foi abalada pela internet e por outros desdobramentos computo-informacionais, gerando reformas e uma revisão da educação universal. Entretanto, tais reformas não suprimiram sua característica principal de formar para a vida obediente. As várias reformas aplicadas até hoje consistem em gerar mais participação, mais inclusão e uma universalização democrática da educação, mas isso também não abala sua centralização e sua função. Dessa forma, sinaliza-se para o fato de as reformas funcionam como modo de dar continuidade a escola e a formação para a vida obediente.

Nos anarquismos pensou-se antes de tudo em uma educação apartada da escola, propondo uma desescolarização. Contudo, os autores nos mostram como a partir dos encontros da internacional dos trabalhadores, durante a década de 1860, surgem projetos de escolas como espaços para práticas libertárias (IBIDEM:37). Retomam outras procedências da educação libertária a partir da formação de escolas, como a *Escuela Moderna* na Espanha, e *La Ruche* (a colméia), na França, idealizadas, respectivamente, pelos educadores Francesco Ferrer y Guardia e Sebastián Faure.

A *Escuela Moderna* ficou bastante conhecida pelo mundo devido sua disseminação por diversos países, e aqui mesmo no próprio Brasil, no início do século XX, aconteceu experiências de escola moderna, assim como ela influiu no período da Revolução Espanhola entre 1936 e 1939. Por outro lado, muito pouco se fala, mesmo em meios anarquistas da escola *La Ruche* (a colméia) que existiu na França, também no início do século XX. Passetti e Augusto retomam essa procedência, mostrando como uma escola se consolidou como uma “associação de interessados em educação anarquista” (IBIDEM:43), que em lugar ao amor à escola, nessa escola Faure consolidou a realização do desejo da vida livre.

É a partir dessas experiências anarquistas do passado que os autores passam a analisar a escola no presente, mostrando o surgimento das escolas democráticas e fazendo uma análise contundente sobre a Escola da Ponte. A reflexão proposta pelos autores em relação às escolas democráticas encontra-se num espaço de abolição da escola e de análise das formas de captura na sociedade de controle de práticas anarquistas de resistência.

É contra a vida imobilizada que o livro se direciona, pois a educação anarquista “é sempre um ato insurrecional e desescolarizador, que potencializa a vontade do indivíduo” (IBIDEM:102). Portanto, “Não faz mais sentido falar da escola na atualidade, mas voltar a falar de invenção de liberdade como possibilidade de lidar com o inédito” (IBIDEM:112). A educação anarquista é a invenção de si e da vida, enquanto “ensaios ainda pouco visíveis sobre a vida das associações sem sociedade.” (IBIDEM:113). Esse breve e atento livro mostra que a educação libertária se dá através da invenção da vida e de si, transformando “a sociedade em *miríades de associações*” (IBIDEM:113).

Um livro que não propõem modelos, nem programas para a educação, é quase um anti-programa, ou um anti-livro já que demonstra como Bataille, “que a transgressão só é admitida sob a perspectiva de não ser conhecida”. Sugere, portanto, formas de se educar para vida livre, apartadas do castigo, que reinventam a cada instante a própria educação e aqueles que a praticam. É um convite de guerreiros que inventam a si através dos anarquismos, a guerreiros que desejam reinventar-se, e ariscar-se através da educação.

Mauricio Ferreira Freitas é estudante de História-USP e é integrante do Nu-Sol/PUC-SP